

Da morte e do silêncio

Calane da Silva, homem de proa das letras moçambicanas, faleceu na última sexta-feira (vítima de Covid-19) e foi a enterrar domingo, sem pompa como se a circunstância fosse apenas mais uma. O que trouxe de volta o debate sobre as figuras que merecem a presença do Estado.

João Matusse

Há um ponto de comparação: o velório de Adelson Mourinho, nome civil de Bang, que foi realizado no Paços do Município, com a presença do Presidente da República, Filipe Nyusi; primeiro-ministro, Carlos Agostinho do Rosário; Ministra da Cultura e Turismo, Eldevina Materula, só para citar alguns nomes do Governo moçambicano. Um velório que, se não fossem as máscaras e as tentativas de distanciamento, pouco lembraria o estado de calamidade pública que nos foi imposto pela pandemia da Covid-19. Os números dos presentes foram largamente anunciados.

Dúvidas não há de que Bang foi um divisor de águas no mercado da música e entretenimento moçambicano, a pompa do seu velório foi uma tentativa de fazer justiça a um homem que muito fez para (e) levar o nome de Moçambique além fronteiras, ainda que ele também tivesse sido vítima, aquando do pedido de ajuda para as custas médicas, de um país que pouco valoriza os “melhores filhos”. Mas depois do



O cortejo de silêncio que acompanhou a morte de Calane da Silva reacendeu o debate sobre os “melhores filhos da Nação”

enterro de Bang a fasquia foi colocada alto. E não demorou para que o teste fosse feito. A morte de Calane da Silva, um “grande” como a biografia atesta.

Natural da ex-Lourenço Marques, actual cidade de Maputo, Calane da Silva era um dos intelectuais mais multifacetados de Moçambique, tendo-se destacado no jornalismo escrito e de televisão, na literatura e na docência.

Trabalhou na delegação da Lusa em Maputo, na Televisão

Experimental de Moçambique, actual TVM (onde chegou a director de informação e administrador), no diário Notícias e ainda no semanário Domingo, também da capital moçambicana.

Leccionou na Escola de Jornalismo de Maputo, Escola Portuguesa de Moçambique e na Universidade Pedagógica de Moçambique. Ocupou ainda o cargo de director do Centro Cultural Brasil - Moçambique.

Publicou várias obras literárias, em prosa e poesia, mui-

tas delas inseridas em manuais de ensino, bem como trabalhos científicos na área em que tinha doutoramento - Linguística Portuguesa, no ramo de Lexicologia.

Calane foi condecorado pelo Governo com a medalha de mérito de artes e letras. Pela Associação dos Escritores Moçambicanos, agremiação de que foi Presidente de mesa da Assembleia Geral, foi distinguido pelo prémio José Craveirinha, o maior prémio literário em Moçambique.

Por tudo isto, esperava-se uma despedida com alguma pompa. Embora se saiba que Calane da Silva morreu por conta da Covid-19 e se saiba também dos protocolos que devam ser seguidos aos mortos desta pandemia, foi notável a ausência do Estado.

O Presidente da República, que tem estado a usar a sua página no facebook para felicitar ou lamentar acontecimentos, embora saibamos que não seja ele quem gere, desta vez, nem mesmo um texto a lamentar a morte foi escrito em homenagem a Calane da Silva. A última publicação, antes do directo da cerimónia do dia dos heróis, foi uma felicitação a Marcelo Rebelo de Sousa, reeleito Presidente de Portugal.

As críticas não demoraram a chegar, com acusações de dois pesos para a mesma medida.

A ministra da Cultura e Turismo, Eldevina Materula, apenas no dia do velório, em que não se fez presente, é que escreveu um Comunicado nas páginas do ministério no facebook. “A triste notícia da morte do escritor, poeta, jornalista, ensaísta e professor Calane da Silva, abalou o nosso país”, começou por escrever a ministra.

Materula, que fez questão de trazer a ribalta a ligação com Calane da Silva, disse que poderia estar mais desolada com esta perda, sobretudo pela entrega e perfeccionismo no seu trabalho, em diferentes frentes. Falou da ligação que tiveram na Kulungwana, organização que comporta o Xiquitsi, projecto de que Materula foi Directora.

“Calane da Silva teve grandes prestações ao nível das artes. As suas qualidades de professor tornaram-no um homem indispensável para a literatura africana, para a língua portuguesa, e para as artes moçambicanas. É por estas e outras razões que devemos reconhecer o trabalho feito pelo escritor Calane da Silva”, escreveu a ministra, o que não silenciou os críticos.